

A cruz é o centro

Steve Flatt

Começou numa sexta-feira, por volta das 9h. Terminaria às 15h00 dessa tarde. O que consegue fazer em seis horas? No nosso mundo moderno e de alta tecnologia, pode enviar e-mails para todo o mundo, comprar um carro e viajar 480 quilómetros ou mais. Pode apanhar um avião e ir de um extremo ao outro do país. Há muita coisa que pode fazer em seis horas. Mas esse dia foi há mais de 2000 anos.

O que fizeram as pessoas nessas seis horas? Provavelmente como em qualquer outro dia, um agricultor levantou-se e começou a lavrar o seu campo porque era primavera e estava quase na hora de plantar. Uma dona de casa, tenho a certeza, levantou-se e começou a ocupar-se das suas tarefas domésticas diárias. Um comerciante abriu a sua loja e fez um dia de negócios agitado durante seis horas, preparando-se para o sábado e para o fim de semana da Páscoa. Pode fazer muita coisa em seis horas. Mas tudo o que foi feito em Jerusalém durante estas seis horas, e, aliás, tudo o que foi feito em todo o mundo em todos os dias combinados, empalideceu em comparação com o que estava a ser feito num monte chamado "Calvário". Um homem estava a ser crucificado, um homem muito especial pregado numa cruz romana. A dele estava numa das três cruzes erguidas nesse dia, a do meio.

Um visitante que por acaso chegasse a Jerusalém nesse dia poderia ter visto as cruces, abanado a cabeça e pensado: "Ah, uma daquelas tristes, mas necessárias, execuções para manter a paz e a justiça". Os soldados romanos destacados para a tarefa pouco sabiam sobre aquele jovem e misterioso carpinteiro que se recusava a implorar, a lamentar-se ou a queixar-se. Não faziam ideia de que aquele que praticamente se deitou naquela cruz pudesse ser outra coisa que não um simples nazareno.

Ah, mas começaram a acontecer algumas coisas estranhas. Primeiro, houve a escuridão, uma escuridão mais escura que um eclipse. O céu tinha uma penumbra sinistra e infernal. Era como se Deus, o Pai, tivesse virado as costas à Terra, talvez até para derramar uma lágrima. Depois, houve o terramoto de que nos fala Mateus. Um estrondo misterioso vindo do próprio ventre da Terra fez com que as rochas se partissem. Os prisioneiros da sepultura foram libertados das garras frias da morte. Relatos espalharam-se por toda a Jerusalém de corpos que tinham sido sepultados a passear pelas ruas; sem dúvida, os entes queridos viram-nos e conversaram com eles.

A cortina, aquele enorme véu no templo que separava o lugar santo do "Santo dos Santos", seria rasgada. O lugar onde, apenas uma vez por ano, o Sumo Sacerdote tomava o sangue de um cordeiro sem defeito para aspergir sobre o propiciatório para fazer expiação, um sacrifício por todo o povo. Aquela cortina tinha 12 metros de altura e pesava várias toneladas. Mas, durante aquelas seis horas, alguém, alguma coisa, de alguma forma rasgou aquela cortina enorme de alto a baixo, como se duas grandes mãos a tivessem rasgado. Como se o grande Deus do universo estivesse a dizer: o sumo sacerdote entrou no Santo dos Santos pela última vez, o último Dia da Expiação. Ele nunca mais precisará de lá entrar.

Bem, aquela não era uma sexta-feira comum. Jerusalém estava imersa no mistério que não conseguia compreender. As pessoas começavam a questionar-se enquanto viam algumas coisas e ouviam outras. Seria possível? Seria possível? Não! Não seria possível. Aquele nazareno poderia ser algo mais do que apenas um homem, algo mais do que apenas um carpinteiro que vivia em Nazaré, talvez até algo mais do que um profeta. Quase se pode ouvir todo o processo de pensamento de uma comunidade inteira. Na verdade, zumbiam sobre isso durante dias e dias e dias.

Lembra-se do Pentecostes? Lembra-se de como 3.000 pessoas foram batizadas num dia? Alguma vez se perguntou como é que 3.000 pessoas foram batizadas num dia? Não foi apenas o poder de um sermão. Veja, o que aconteceu em Jerusalém naquele dia foi tudo o que todos falaram durante sete semanas. O que significavam todas aquelas coisas misteriosas? Então, naquele dia de Pentecostes, Pedro, inspirado pelo Espírito, abriu o selo. Ele disse: "Aquele era o Filho de Deus naquela cruz." Foi por isso que aconteceu.

Já parou para pensar em quão central é para a história humana? Todo o tempo é medido por ele. Todo este livro, a Bíblia, é a sua história. Toda a história do Antigo Testamento aponta para ele, um tipo de coisas que virão. Ora, tipo é uma pessoa, lugar ou coisa na religião hebraica que prenuncia ou antecipa uma pessoa, lugar ou coisa na Nova Aliança. Por outras palavras, era um símbolo lá atrás que prenuncia ou antecipa algo aqui. Francamente, o Antigo Testamento está repleto de belos tipos. Quando se dedica tempo a vê-los e a compreendê-los, isso ajuda-o a juntar as peças da magnífica providência de Deus e pode ver que a história é a mesma ao longo da história, apontando para a mesma conclusão.

Os símbolos mais belos do Antigo Testamento são aqueles que prenunciam a cruz. Lembra-se da primeira Páscoa? À medida que a escuridão da praga da morte dos primogénitos se espalhava pelo Egito, certamente prenunciava a escuridão do meio-dia daquela sexta-feira, tal como um Cordeiro foi morto em cada um dos lares hebreus naquela noite para que o anjo da morte passasse, deixando aquela família ilesa. Preparou o cenário para o momento em que o verdadeiro Cordeiro, o Cordeiro de Deus, seria morto, permitindo que a morte voltasse a passar sobre a humanidade.

Ou que tal aquela Arca da Aliança, a misteriosa Arca da Aliança que nos foi apresentada em Êxodo 25 no Monte Sinai? Lembra-se do nome da cobertura da Arca da Aliança? Chamava-se "O Propiciatório". Neste "Propiciatório", uma vez por ano, o sumo sacerdote entrava no Santo dos Santos com o sangue de um cordeiro sem defeito e aspergia gotas de sangue sobre o Propiciatório para que o pecado fosse removido. Mas foi na cruz que o verdadeiro propiciatório foi estabelecido e onde o sangue do sacrifício perfeito não foi apenas aspergido, mas fluiu, removendo todo o pecado para sempre.

Ou que tal quando os israelitas estavam a resmungar, a queixar-se e a pecar novamente, e Deus os atirou para o meio de cobras venenosas, e eles estavam a ser mordidos e mortos. Então Moisés, depois de orar, moldou uma serpente de bronze, colocou-a sobre uma haste e ergueu-a. A cura para a morte certa era gratuita e acessível a todos. Mas tiveram de tomar alguma atitude por conta própria.

Tinham que contemplá-la para viver. Mas, ao fazê-lo, não conquistaram a cura, pois esta era gratuita para todos. Ao contemplarem a serpente de bronze, não trabalharam, mas agiram para viver. (Números 21) Jesus disse em João 3, assim como aquela serpente de bronze: "Se eu for levantado,

atrairei todos a mim". Poderia nomear duas dezenas de outros, mas o Antigo Testamento é como uma enorme placa com uma seta a dizer: "Por aqui, para a cruz. Por aqui, para a cruz".

Então, quando Jesus veio, Ele viveu para isso. Ele viveu para a cruz.

Desde os seus primeiros dias que a cruz projetava a sua sombra à sua frente. Desde o dia em que veio a este mundo, em Belém, onde não havia lugar na estalagem. Ela dizia naquele momento: "Não há lugar para ti neste mundo. Não encontrarás um lugar para ficar aqui. Serás rejeitado e até crucificado."

Os evangelhos registam para nós nada menos do que uma dúzia de relatos diferentes de Jesus a prever a sua própria morte. Penso em Mateus 16, quando ele e os discípulos estavam a ter um pequeno descanso e relaxamento em Cesareia de Filipe. Jesus perguntou: "Quem julgais que Eu sou?". Depois de especularem e falarem de rua sobre o que os outros diziam, Pedro olhou para ele e disse: "Tu és o Cristo, tu és o Filho do Deus Vivo". Jesus disse: "Bem-aventurado és tu, Simão, filho de Jonas, porque não foi a carne e o sangue que to revelaram, mas o meu Pai, que está nos Céus". Jesus sabia agora que os homens que iriam continuar por aquilo pelo qual iria morrer começavam a compreender. O versículo 21 diz que, imediatamente, a partir daquele momento, Jesus começou a explicar aos seus discípulos como devia ir a Jerusalém e sofrer muitas coisas às mãos dos anciãos, dos sumos sacerdotes e dos mestres da Lei; que deveria ser morto e, ao terceiro dia, ressuscitado.

Ele disse a mesma coisa em Mateus 17, 20 e 21. Em Mateus 26, nessa Última Ceia, Ele disse-lhes de novo: "Estou prestes a ser morto". Nas poucas horas seguintes, no Jardim do Getsémani, Ele prostrou-se e perguntou se havia outra forma. Ele sabia que era para esse destino que tinha nascido. A cruz era a razão pela qual Jesus veio aqui, e Ele sempre soube disso.

Todo o Novo Testamento reflete isso. Paulo disse: "Os judeus pedem sinais miraculosos e os gregos procuram a sabedoria, mas nós pregamos Cristo crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os gentios." (1 Coríntios 1:22, 23) "Pois, enquanto estive convosco, decidi não saber nada, a não ser Jesus Cristo, e este crucificado." (1 Coríntios 2:2) "Que eu nunca me glorie, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo." (Gálatas 6:14) Vêem estas três declarações? Paulo disse: "Tudo o que eu sei é Cristo crucificado." Então ele disse: "Tudo o que eu prego é Cristo crucificado." (1 Coríntios 1:23) "Tudo o que eu me glorio é a cruz de Cristo, Jesus crucificado." (Gálatas 6:14) "Para mim o viver é Cristo, e o morrer seria lucro" porque foi crucificado.

Pessoal, se lerem a Bíblia, o Novo Testamento, todos os sermões pregados por Paulo ou Pedro, vão ver, todos eles focados na crucificação e ressurreição de Jesus. Portanto, seja no Antigo Testamento, no Novo Testamento ou em toda a Bíblia, a cruz é central.

Há anos atrás, na Marinha Real Britânica, nos seus grandes veleiros, teciam um fio azul mesmo no centro da corda que seria utilizada para içar a vela principal, porque queriam que essa corda fosse distinguível. Se precisassem de a içar em caso de emergência, para fugir de um inimigo ou para evitar uma tempestade, procuravam a corda com o fio azul mesmo no meio. A cruz deveria ser assim. Ela está sempre visível e sempre acessível. É o principal, não só neste livro, mas na própria vida. Ela deveria estar no centro de tudo o que fazemos; o centro do nosso estilo de vida, o centro da nossa vida doméstica, o centro da nossa vida profissional e da nossa vida escolar. Se alguma vez tirarmos Jesus e a sua cruz do centro, perderemos tudo.

Já viu placas em postes que diziam: "Cabo de Energia Enterrado Aqui?" É isso que significam os ditos da cruz. Depara-se com um destes ditos, escava fundo e lá está o poder — uma fonte de poder nas nossas vidas, se apenas dedicarmos tempo a compreendê-lo. As palavras finais de Jesus foram: "Está consumado". (João 19:30) O que está consumado? O plano divino para redimir toda a humanidade está consumado. O medo da morte do homem está consumado. O poder da culpa está consumado. A incerteza do amanhã está consumada.

As próximas lições desta série vão focar-se em sete declarações incríveis que o Filho de Deus fez enquanto estava em forma humana. Não sei quanto a si, mas, para mim, nada foi mais surpreendente em todo o espectro daquele drama divino a que chamamos cruz do que aquelas sete palavras de Jesus. O que diria se estivesse a caminho da execução? Se fosse um castigo lento e torturante como o que Jesus recebeu, o que ousaria dizer enquanto estivesse pendurado na cruz?

Jesus escolheu cuidadosamente as palavras que iria proferir naquela cruz. Não eram frases aleatórias proferidas por algum mártir aflito. Eram declarações intencionais do próprio Deus, para nos dar algumas pistas sobre a profundidade insondável do significado daquela cruz na qual Ele estava pendurado.

Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem. (Lucas 23:34)

Estas são as palavras de perdão. Para aquele público imediato, mas estendidas muito para além dele.

Hoje estarás comigo no paraíso. (Lucas 23:42, 43)

Jesus voltou-se para o ladrão e disse palavras de aceitação a um criminoso comum, a última pessoa no mundo que se imaginaria que deveria estar no paraíso naquele dia. Uma pessoa que, ao contrário de Jesus, estava ali pelos crimes que tinha cometido.

Querida mulher, aqui está o seu filho, e ao discípulo (João): Eis a tua mãe. (João 19:25)

Palavras de conforto, mesmo no meio da sua agonia, belas palavras de conforto.

Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?

(Mateus 27:46)

O que significam estas palavras? Palavras de separação, uma separação horrível, mas uma separação que precisava de acontecer se quiséssemos viver para sempre.

Eu tenho sede (João 19:28)

As palavras da humanidade mostram-nos que Jesus não era uma aberração, era como tu e eu. Sofreu, teve sede, teve fome e compreendeu a nossa dor.

Está terminado. (João 19:30)

As palavras de vitória. As maiores palavras alguma vez proferidas.

Nas tuas mãos entrego o meu espírito (Lucas 23:46) As grandes palavras de entrega final.

A cruz está no cerne da nossa fé. É a parte central daquilo que defendemos. É a única razão pela qual nos podemos reunir como comunidade de fé.

Esta semana, deparei-me com uma parábola moderna que, receio, revela a situação de muitos indivíduos e, já agora, de muitas igrejas. A parábola fala de uma igreja que construiu um edifício novinho em folha. Reformaram-no de forma impressionante e, atrás do púlpito, colocaram uma placa que dizia: "Pregamos Cristo crucificado". Depois, no canto inferior, colocaram uma pequena planta em vaso, uma dessas trepadeiras que, por assim dizer, subiam pela parede como decoração. Com o passar do tempo, a trepadeira começou a crescer e, à medida que foi crescendo, a congregação começou a abrandar. Passado um bocado, ela cobriu a última palavra "crucificado". A parte legível da placa exibia apenas "Pregamos Cristo". Com certeza, não tanto a cruz, mas o simpático Jesus socialmente orientado que demonstrava compaixão por todas as necessidades. Mas a trepadeira continuou a crescer e a congregação continuou a abrandar e, passado algum tempo, apenas as palavras "Pregamos" eram visíveis. Eventualmente, simplesmente esqueceram-se de Cristo. Toda a ideia era um evangelho humano, uma religião humana a responder às necessidades humanas, procurando qualquer resposta, mas não uma cruz. Por fim, a videira continuou a crescer até que tudo o que restava era a palavra "Nós". Peço a Deus que na nossa vida ainda proclamemos Cristo crucificado.

Se se está a perguntar o quanto a cruz está no centro do seu ser, responda hoje a estas três perguntas no seu coração.

A cruz faz ajoelhar em gratidão? Prostra-se diante disso e agradece a Deus pelo simples facto de os portões do céu estarem abertos por causa disso?

A cruz liberta-o da culpa? Ou está a carregar um saco cheio disso, sem colocar essa culpa na cruz para fazer o trabalho que foi criada para fazer?

A cruz faz com que se renda diariamente a Deus? —Está a morrer na sua própria cruz e a deixar Cristo viver em si?

Se não consegue responder a estas três perguntas hoje tão bem como gostaria, espero e rezo para que, quando terminarmos esta série, a sua vida tenha mudado. Lição da Graça Incrível nº 1250 Steve Flatt - 18 de Fevereiro de 1996